

O Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro, de Francisco de Moraes

Aurelio Vargas Díaz-Toledo
University College Dublin¹

O escritor Francisco de Moraes, mais conhecido por ser o autor do *Palmeirim de Inglaterra*, um dos melhores livros de cavalarias do século XVI, também empregou a sua pena na elaboração de obras de menor extensão e valor literário. Além de uma *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com huma dama francesa da rainha dona Leonor, por nome Torsi*,² que lhe serviu como desabafo psicológico após um fracasso amoroso em terras gaulesas, Moraes escreveu algumas cartas³ dirigidas a distintas personalidades vinculadas à corte portuguesa onde, a modo de relação de sucessos, dava boa conta das festas e costumes da sociedade portuguesa⁴ e, muito especialmente, da francesa do século XVI, fruto das suas duas visitas à corte francesa na qualidade de secretário, junto do filho do conde de Linhares, D. Francisco de Noronha: a primeira, de 24 de novembro de 1540 até ao 1544, para, por um lado, tranquilizar o monarca francês perante o iminente enlace entre a infanta D. Maria de Portugal e o príncipe Filipe de Castela, e por outro, para mostrar o seu pesar pelas contínuas hostilidades dos corsários franceses às naus portuguesas; e a segunda estadia entre 1547 e 1548, desta vez para dar os pêsames ao rei Henrique II de França pela morte do seu pai Francisco I.

A esta produção narrativa, marcada pela experiência do autor em França e caracterizada pelo assombro pelo mundo cortesão gaulês, que não cessa de comparar com o seu próprio, temos de acrescentar-lhe um conjunto de três diálogos onde se desencadeia a crítica social mediante o confronto entre distintos representantes sociais considerados antagônicos: um fidalgo e um escudeiro, um cavaleiro e um doutor, e uma regateira e um moço da estrebaria. Redigidos em estilo engraçado, até sorrateiro, oposto por completo ao tom mais grave do resto da sua obra, estes diálogos foram publicados pela primeira vez, em 1624, na imprensa eborense de Manoel Carvalho, que os ofereceu a Gaspar de Faria Severim, “executor-mor do reino”, sabendo ser “esta obra de Autor Portuguez, aos quaes V. M. favorece tanto, que com sua deligência & zello os pretende resuscitar do esquecimento em que até agora estiverão” (fól. 2v).

Antes da sua publicação, estes opúsculos passaram pelas inevitáveis mãos da censura eclesiástica, que outorgara as licenças oportunas para a sua impressão, mas levando a cabo antes uma série de emendas que desvirtuaram em boa medida o texto

¹ Artigo inserido no marco do Projeto de Investigação MICINN/MINECO FFI2009-08070. Aqui é possível achar vários trabalhos nossos sobre cada um dos diálogos de Moraes, onde se inserem por um lado, fichas bibliográficas e, pelo outro, fac-símiles dos manuscritos e impressos: (Vargas 2010a, 2010b).

² Publicada pela primeira vez em (Carvalho 1624).

³ Todas elas já foram publicadas em Miguel 1955, Rego 1960, Vargas 2007 e Alpalhão 2007.

⁴ Veja-se especialmente Miguel (1998).

original do autor, tal e como declara a aprovação do 6 de junho de 1624 do bispo de Fez, D. F. Manoel: “Podense imprimir estes diálogos na forma que vão emendados” (fól. 1v).

Foi esta versão censurada a que serviu de base para as posteriores edições que se realizaram destas obrinhas em 1786 (Ferreira, ed.), 1852 (*Obras*) e 1946 (Cintra, ed.), as quais, além de introduzir pequenas variantes de carácter exclusivamente gráfico, não tiveram em conta, em qualquer caso, a sua importante tradição manuscrita, quase ignorada até hoje. E eis onde radica a novidade do presente trabalho, em tratar de mostrar uma edição crítica dos três diálogos de Francisco de Moraes a partir dos manuscritos conservados e oferecer assim um texto mais próximo da última vontade do autor.

No que diz respeito ao *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, sem dúvida o que centrou maiores atenções por parte da crítica e do qual nos vamos ocupar ao longo das seguintes páginas,⁵ mostra um duelo dialéctico entre um fidalgo e um escudeiro, que alguns viram como uma vingança pessoal do próprio Francisco de Moraes. De fato, este último passou por diferentes graus da escala social: foi desde criado do conde de Linhares, D. António de Noronha, passando por moço da câmara da casa do infante D. Duarte, fidalgo da câmara do cardeal Infante D. Henrique, fidalgo infante de D. Duarte, escudeiro fidalgo do rei João III, até chegar a ser cavaleiro fidalgo da casa do cardeal Infante D. Henrique e, por último, cavaleiro do Hábito da Ordem de Cristo. Uma ascensão social que, provavelmente, lhe deve ter causado alguma inimizade entre os círculos cortesãos e cuja única maneira de desabafar foi escrevendo este opúsculo.

O diálogo, que é possível datar entre 1541-43 segundo algumas alusões históricas do texto, tem lugar num ponto indeterminado de uma praça pública, ao parecer à entrada de uma cidade, onde se desenvolve um confronto entre duas visões da realidade completamente opostas: de um lado, a do nobre fidalgo, que não deixa de caluniar e desdenhar seu oponente pelas suas aspirações reivindicativas de consciência de classe. Além disso, lamenta-se de “antre o povo comum não se fazer diferença de escudeiros a fidalgos”, colocando no mesmo saco a uns e a outros, quando na realidade não tinham nada a ver. De igual modo, reconhece não poder sofrer os maus hábitos dos escudeiros nem:

ver moço da câmara com roupões emprestados na pousada pela sesta,
passar o dia todo, e se tem huma só cadeira, ocupa-a com o vestido e
chama-lhe guarda-roupa; e por derradeiro, assoam-se na aba do pelote.

Do lado contrário, o escudeiro, longe de se assustar, faz uma magnífica defesa da sua condição social, reivindicando o seu *status* e mantendo o nível da conversação

⁵ Este trabalho é o primeiro de uma série de três que procura editar de uma maneira crítica todos os diálogos de Francisco de Moraes. O diálogo segundo vai ser publicado no próximo número 30 da *Revista de Filología Románica*, da Universidade Complutense de Madrid; o diálogo terceiro é actualmente em via de publicação.

bastante alto, tanto é assim que o fidalgo não pode deixar de se maravilhar pela sua magnífica retórica:

Quem me desse achar hum escudeiro desviado de orador ou que não soubesse três dedos de latim! E se algum daqui escapa, achai-lo tão lido que sabe Petrarca de cor. Nenhuma crónica lhe escapa.

Ao mesmo tempo, o escudeiro, que vai desmontando um a um os argumentos do seu interlocutor, mostra a sua desconformidade com o fato de a nobreza se herdar e não se ganhar pelos méritos de cada um:

E vós agora quereis que a nobreza vos fique por herança e património, não curando das calidades com que se deve de alcançar ou com que se deve conservar. E o pecador do escudeiro, que do berço começou a merecê-la seguindo os próprios passos e obras por onde se ela há-de merecer e ganhar, porque não teve quem representasse suas obras, ou lhe foi a ventura tão adversa que morreo em seu ofício, não quereis que se fale nele?

Por último, face às críticas do seu interlocutor, o escudeiro contra-ataca reprovando-lhe, por um lado, que os da sua condição costumam ser enamoradiços que não procuram senão andar “de amores com qualquer mulher solteira”, e, por outro lado, os seus costumes efeminados, como:

Enfeitardes-vos de sol a sol, lançando versos pela boca menos escondidos que os de Túlio; curais o carão, prezais-vos de perfumados, e quem o assi não fas avei-lo por grosseiro, e sobretudo, há alguns que se alugão para banquetes; zombais de toda a relé; e por derradeiro, louva-vos de bem despostos qualquer francelho que tem unhas brancas.

O *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, além das edições mencionadas antes, foi objeto de mais três: duas levadas a cabo por António Sérgio (1967) e José Hermano Saraiva (1978), que tomaram de novo como referente a edição eborense de 1624 (Carvalho); e uma terceira efetuada em 1981 pela professora Elze Maria H. Vonk Matias, cujo ponto de partida foi uma versão manuscrita, inédita até então, que se achava dentro de uma coletânea de obras copiadas pelo punho e letra de Gil Nunes de Leão, sobrinho do cronista Duarte Nunes de Leão, sob a cota “cód. 3563”, dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Neste estudo, a nossa edição utiliza como texto base um manuscrito distinto procedente da coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa,⁶ com cota “Col. Pomb. cód. 147”, uma miscelânea que acolhe também os outros dois diálogos de Moraes, mais a *Desculpa de uns amores*, bem como uma *Carta de D. Inácio de Noronha a D. João III a respeito da renúncia do título de conde em D. Francisco de Noronha*, copiada e assinada pelo próprio Moraes. Circunstância esta que, unida à minuciosa comparação entre todos os testemunhos manuscritos e impressos, nos conduz a crer que o manuscrito pombalino, ou melhor, um do mesmo ramo, pôde ser tomado como referente à hora de elaborar a edição de 1624. Em apoio desta teoria, vêm a acrescentar-se os dados que nos fornece a análise comparativa entre os manuscritos 3563 (*L1*) e 147 (*L2*), e o impresso de 1624 (*Evo*), cujas divergências voluntárias e involuntárias se podem ver em seguida:

I. Divergências involuntárias

I.1 Por omissão (de letras, sílabas ou palavras)

Em *L1* documentam-se erros por omissão de letras, sílabas ou palavras, como por exemplo:

a. merecimentos *L1*: merecimento

L2: 294v Evo: 4v	L1: 47v
se tindhão <i>merecimentos</i>	se tindhão <i>merecim</i> ^{to}

b. necidades *L1 Evo*: necessidades

L2: 295r	L1: 48v Evo: 6v
inventores de <i>necidades</i>	inuẽtores de <i>necessidades</i>

c. escudeiros *Evo Sar*: escudeiro

L1: 51r L2: 297r	Evo: 14r Sar: 52r
e quais procedem de <i>escudeiros</i>	e quais procedem de <i>escudeiro</i>

⁶ Na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, conserva-se um outro manuscrito (PDVV BDM II, LXII, fls. 4-13) que não é mais do que um original de imprensa utilizado para a edição em três volumes do *Palmeirim de Inglaterra* de 1786.

d. havíeis *LI*: haveis

L2: 297r	L1: 51r Evo: 14r
<i>havíeis</i> de ter alçada até Amadis	<i>haveis</i> de ter alçada ate Madiz

e.

L2: 297r Evo: 14v	L1: 49r
Achais um João Afonso <i>que matou três mouros em campo, ou outro João Esteves</i>	Achais um Joham Afonso Esteuez

I.2 Por adição (de letras)

Também existem algumas divergências de *LI* por adição de letras, mas é verdade que a casuística não é muito elevada:

a. nele *LI*: nelles

L2: 294v Evo: 4r	L1: 47v
não quereis que se fale <i>nele</i> ?	não quereis q se falle <i>nelles</i>

I.3 Por substituição (de letras ou sílabas)

Em diversas ocasiões, também se localizam erros por substituição de uma letra ou de uma sílaba, especialmente em *LI*, embora nem sempre. Segundo se pode ver, a edição de Saraiva (*Sar*) corrige sem prévio aviso e sem ter em conta as variantes nem dos manuscritos nem dos impressos, criando um texto alheio por completo ao autor e cometendo algumas falhas de interpretação.

a. obras *Sar*: obrar

L1: 47v L2: 294v Evo: 4r	<i>Sar</i> : p. 366
os próprios passos e <i>obras</i> por onde se ela há-de merecer	os próprios passos, e <i>obrar</i> por onde se ela há-de merecer

b. disso *LI*: disto

L2: 294v	L1: 47v Evo: 5r
E para prova <i>disso</i>	E para prova <i>disto</i>

c. isso *L1*: isto

L2: 295r Evo: 6r	L1: 48r
Bem me parecera se <i>isso</i> andara	Bem me parecera se <i>isto</i> andasse

d. capelo *Sar*: cabelo

L1: 48r L2: 295r Evo: 6r	<i>Sar</i> : p. 367
trazeis o <i>capelo</i> no toutiço	trazeis o <i>cabelo</i> no toutiço

e. lote *Evo Sar*: cote

L1: 50v L2: 297r	Evo: 13r <i>Sar</i> : p. 370
porque andão todos de hum <i>lote</i>	porque andam todos de hum <i>cote</i>

f. menos *L1*: menor

L2: 297r Evo: 13v	L1: 50v
vêm acompanhar outros de <i>menos</i> calidade	vêm acompanhar outros de <i>menor</i> calidade

I.4 Erros de leitura ou de interpretação paleográfica

Embora não seja muito frequente, sim, existem alguns erros de leitura ou de interpretação paleográfica, como os seguintes:

a. tornar-se *L1*: tomarse

L2: 295v	L1: 49r Evo: 7v
perigo hé <i>tornar-se</i> homem com hum escudeiro refinado	perigo hé <i>tomarse</i> homem cõ hũ escudeiro refinado

b. louva-vos *L2 Evo Sar*: leuauos

L1: 49v	L2: 296r Evo: 9r <i>Sar</i> : p. 368
e por derradeiro, <i>louva-vos</i> de bem despostos	e por derradeiro, <i>leuauos</i> de bem despostos

c. consigo *Evo Sar*: com fogo

L1: 50v L2: 297r	Evo: 13r Sar: p. 368
agazalhão-vos <i>consigo</i>	agasalham-vos <i>com fogo</i>

d. assinalados *L2 Evo*: afinados *Sar*: assinados

L1: 50v	L2: 297r Evo: 13v	Sar: p. 370
os mais <i>assinalados</i> em sangue	os mais <i>afinados</i> em sangue	os mais <i>assinados</i> em sangue

e. Corvos *L1*: Cornos

L2: 297v	L1: 51v
Capela dos <i>Corvos</i>	Capela dos <i>Cornos</i>

f. pôr-se *L1*: por sy

L2: 298r Evo: 16v	L1: 51v
<i>pôr-se</i> sobre as pernas	<i>por sy</i> sobre as pernas

II. Divergências voluntárias

II.1 Variantes léxicas:

Entre o manuscrito *L1*, por um lado, e o códice *L2* e o impresso *Evo*, por outro, existe multidão de variantes de carácter léxico que afeta a qualquer classe de palavra: adjetivos, pronomes, preposições, conjunções, mas sobretudo substantivos, formas verbais e mudanças de sintagma. Dado o elevado número de casos, isto nos faz crer numa possível dupla redação da obra.

Em alguns casos, ao tratar-se de gralhas claras ou de variantes que dificultavam a compreensão do texto, preferimos tomar a lição de *L1*.

Nos reduzidos casos nos quais *Evo* se distancia de *L2*, pode interpretar-se ora como um acto de censura por parte dos eclesiásticos (como no exemplo *e* dos substantivos), ora como correções realizadas por parte dos impressores para melhorar a compreensão do texto (como no exemplo *a* das conjunções).

Por outro lado, como já acontecesse nas divergências involuntárias, é possível ver como a edição de Saraiva (*Sar*) corrige de novo sem ter em conta as variantes de todos os testemunhos que transmitiram a obra.

1) Substantivos

a. Çafim *L1*: atãgere

L2: 294r Evo: 1v	L1: 47r
Correo o Xarife <i>Çafim</i>	Correo o Xarife <i>atãgere</i>

b. dignidade *L1*: diuindade

L2: 294r Evo: 2r	L1: 47r
parece-vos cousa justa que a <i>dignidade</i> da fidalguia se venda	pareceuos cousa q a <i>diuindade</i> da fidalguja se venda

c. passados *L1*: ãtepassados

L2: 294v Evo: 4r	L1: 47v
do nome de seus <i>passados</i>	do nome de seus <i>ãtepassados</i>

d. malinas *L1*: raxa, imperiais *Sar*: ralinhas

L2: 295r Evo: 6r	L1: 48r	Sar: p. 367
calças de <i>malinas</i>	calças de <i>raxa</i> , <i>imperiais</i>	calças de <i>ralinhas</i>

e. Deus *Evo*: ninguém

L1: 49r L2: 295r	Evo: 5v Sar: p. 367
não poderá <i>Deus</i> convosco	não poderá <i>ninguém</i> convosco

f. sorte *Sar*: forma

L1: 49v L2: 295r Evo: 6r	Sar: p. 367
de <i>sorte</i> que descobris quanto tendes	de <i>forma</i> que descobris quanto tendes

g. devido *L2 Evo Sar*: diuino

L1: 49r	L2: 296r Evo: 9r Sar: p. 368
a ser <i>devido</i> mais do necessário	a ser <i>diuino</i> mais do necessário

h. Simão *L1*: fernam

L2: 296r Evo: 9r	L1: 49v
<i>Simão</i> da Silveira	<i>fernam</i> da Sylueira

i. Carvalha *L1*: marquesota

L2: 296r Evo: 10r	L1: 49v
Se fazeis a barba à <i>Carvalha</i>	se fazeis a barba aa <i>marquesota</i>

j. marquezado *L1*: marquez *Evo Sar*: marquemado

L2: 297v Evo: 14v	L1: 51r	Sar: p. 369
o <i>marquezado</i> de Vilhena	o <i>marquez</i>	o <i>marquemado</i> de Vilhena

k. Alarcão *L2*: Lação *L1*: Larcam

Evo: 15r Sar: p. 70	L1: 51r	L2: 297v
Não vos esquece o senhor <i>Alarcão</i>	Não vos esquece o snor <i>Larcam</i>	Não vos esquece o sor <i>Lação</i>

l. sereno *L2 Evo Sar*: terreiro

L1: 51v	L2: 298r Evo: 16v Sar: p. 371
isto hé já <i>sereno</i>	isto hé já <i>terreiro</i>

m. Amadis *L1*: Madiz

L2: 297r Evo: 14r	L1: 51r
<i>havíeis</i> de ter alçada até <i>Amadis</i>	<i>haveis</i> de ter alçada ate <i>Madiz</i>

2) Adjetivos

a. o próprio *L1*: a própria

L2: 296r Evo: 9r	<i>L1</i> : 49v
são o <i>próprio</i> origem	são a <i>própria</i> origem

3) Verbos

a. vá *Evo*: irá

L1: 47r L2: 294r	Evo: 2r Sar: p. 365
e assi <i>vá</i> de geração em geração	e assi <i>irá</i> de geração em geração

b. há-de alegar *L1*: alegaraa

L2: 294r Evo: 2r	L1: 47r
quando o contar, <i>há-de alegar</i> com seus avôs	quando o contar, <i>alegaraa</i> com seus avôs

c. enfeitar *L2 Evo Sar*: afeitar

L1: 47v	L2: 294v Evo: 3r Sar: p. 366
Não curemos de <i>enfeitar</i> razões	Não cureis de <i>afeitar</i> razões

d. procedem *L1*: vieram

L2: 294v Evo: 3v	L1: 47v
E os reis, donde <i>procedem</i>	E os Reis donde <i>vieram</i>

e. escapa *L1*: foge

L2: 295r Evo: 5v	L1: 48r
Nenhuma crónica lhe <i>escapa</i>	Nenhúa chrónica lhe <i>foge</i>

n. andara *L1*: andasse

L2: 295r Evo: 6r	L1: 48r
Bem me parecera se isso <i>andara</i>	Bem me parecera se isto <i>andasse</i>

o. possa *L1*: posso

L2: 295r Evo: 6v	L1: 48r
Ainda que <i>possa</i> escusar defender-me com palavras	Ainda q <i>posso</i> escusar defenderme com palauras

f. descompor *L1*: descobrir

L2: 295v Evo: 8v	L1: 48v
por se não <i>descompor</i>	por se não <i>descobrir</i>

g. consenteria/ podesse *L1*: cōsētira/ pode

L2: 295v Evo: 7r	L1: 48v
Já <i>consentieria</i> que praguejasse deles quem os <i>podesse</i> ter de seu	Já <i>cōsētira</i> q praguejasse delles quem os <i>pode</i> ter de seu

h. passear *Evo*: passando

L2: 295v L1: 49r	Evo: 8r Sar: 368
com roupões emprestados na pousada pela sesta, <i>passear</i> o dia todo	com roupões na pousada emprasados pela seesta, <i>passando</i> o dia todo

i. lançando *L1*: lâçardes

L2: 296r Evo: 9r	L1: 49r
<i>lançando</i> versos pela boca	<i>lâçardes</i> mais sonetos pela boca

j. dareis *L1*: dais

L2: 296r Evo: 9r	L1: 49r
que desculpa me <i>dareis</i>	que desculpa me <i>dais</i>

k. andar *L1*: ir

L2: 296r Evo: 9v	L1: 49v
<i>andar</i> aos touros	<i>ir</i> aos touros

l. passareis *L1*: passais

L2: 296r Evo: 9v	L1: 49v
cuidais que a <i>passareis</i> bem	cuidais q a <i>passais</i> bem

m. repartio *L1*: reparte

L2: 296v Evo: 11r	L1: 50r
Queixais-vos da natureza, que <i>repartio</i> mal suas graças	Quexaisuos da natureza q <i>reparte</i> mal suas graças

n. acucalais *L1*: acogulais *Evo Sar*: açacalais

L2: 296v	L1: 50v	Evo: 12v Sar: p. 369
Se vos <i>acucalais</i> sete ou oito	Se vos <i>acogulais</i> sete ou oito	Se vos <i>açacalais</i> sete ou oito

o. criarão *L1*: criam

L2: 296v Evo: 13r	L1: 50v
porque os que isto mais têm são os que se <i>criarão</i> entre eles	porque os que isto mais têm são os que se <i>criam</i> entre eles

p. acompanhar e servir *L1*: acompanharem e servirem

L2: 297r Evo: 13v	L1: 50v
os irmãos <i>acompanhar e servir</i> seus irmãos	os irmãos <i>acompanharem e</i> <i>servirem</i> seus irmãos

q. havião-de *L1*: deuiam de

L2: 297r Evo: om.	L1: 51r
os cronistas <i>havião-de</i> ser de sangue tão apurado	os cronistas <i>deuiam de</i> ser de sangue tam apurado

r. o ler *L1*: dardes

L2: 297r Evo: 14v	L1: 51r
em vez de <i>o ler</i> aos circunstantes	em vez de <i>dardes</i> aos circunstantes

s. responda *L1*: dizer

L2: 297r Evo: 16r	L1: 51v
não tenho que vos <i>responda</i>	não tenho que vos <i>dizer</i>

4) Pronomes

- a. quem *L1*: o q *Sar*: que

L2: 295v	L1: 48v	Evo: 6v Sar: p. 367
Sabeis <i>quem</i> dana o mundo?	Sabeis <i>o q</i> dannna o mundo?	Sabeis <i>que</i> dana o mundo?

5) Preposições

- a. por *L1*: de

L2: 295v Evo: 8r	L1: 49r
se abruquela <i>por</i> todas as partes	se abroquella <i>de</i> todas as partes

- b. com *L1*: em

L2: 296r Evo: 9v	L1: 49v
não podeis dar passo que não embiqueis <i>com</i> escudeiro	não podeis dar passo q não embiqueis <i>em</i> escudr ^o

6) Conjunções

- a. sobretudo *Evo Sar*: contudo

L1: 49v L2: 296r	Evo: 9r Sar: 368
quem o assi não fas avei-lo por grosseiro, e <i>sobretudo</i> , há alguns que se alugão para banquetes	quem o assi não fas avei-lo por grosseiro. E <i>contudo</i> , há alguns que se alugam para banquetes

7) Mudanças de sintagma

- a. asinha *L1*: *a poucos passos*

L2: 294v Evo: 3v	L1: 47v
<i>asinha</i> vos dará o vao pela orelha	<i>a poucos passos</i> vos dará o vao pela orelha

b. vos confessar *L1*: q vos confessase

L2: 295r Evo: 5r	L1: 48r
para <i>vos confessar</i> parte do que sustentais	para <i>q vos confessase</i> parte do q sustêtais

c. quadris *L1*: pelos hombros

L2: 295r Evo: 6r	L1: 48r
outro tempo nos <i>quadris</i>	outro tempo <i>pelos hombros</i>

d. emprestados na pousada *L1*: na pousada emprasados

L2: 295v	L1: 49r
com roupões <i>emprestados na pousada</i>	cõ roupões <i>na pousada emprasados</i>

e. que tem unhas *L1*: dunhas

L2: 296r Evo: 9r	L1: 49v
qualquer francelho <i>que tem unhas brancas.</i>	qualquer francelho <i>dunhas brancas.</i>

f. de modo que necessariamente *L1*: Assi q de necessidade

L2: 296r Evo: 10r	L1: 49v
<i>de modo que necessariamente</i> hão-de ganhar honra	<i>Assi q de necessidade</i> hamde ganhar hõrra

II.2 Alterações sintáticas

Com respeito às alterações de carácter sintáctico, a sua casuística volta a unir por um lado a *L2* e *Evo*, e, pelo outro, a *L1*:

a. chamar-lhe *L1*: lhe chamar

L2: 295r Evo: 5r	L1: 48r
mais injúria cuidais que fazeis a hum homem hé com <i>chamar-lhe</i> escudeiro	mais injuria cuidais q fazeis a hum homem hé com <i>lhe chamar</i> escudeiro

b. falão de segredo *L1*: de segredo tratã

L2: 296v Evo: 11v	L1: 50r
o que fidalgos <i>falão de segredo</i>	o que fidalgos <i>de segredo tratã</i>

c. escudeiros estar *L1*: estar escudeiros

L2: 296v Evo: 11v	L1: 50r
queirão <i>escudeiros</i> <i>estar</i> perafuzando na praça	queiram <i>estar</i> <i>escudeiros</i> parafusando na praça

d. mais huns *L1*: hũs mais

L2: 297r Evo: 14v	L1: 51r
para ser <i>mais huns</i> por outros	para serem <i>hũs mais</i> por outros

e. chegarão por suas obras *L1*: por suas obras chegaram

L2: 297v Evo: 15v	L1: 51v
<i>chegarão por suas obras</i> a tamanhos estados	<i>por suas obras chegaram</i> a tamanhos estados

II.3 Rescrita de segmentos textuais

Como em casos anteriores, a rescrita de breves ou extensos segmentos de texto aproxima de novo *L2* a *Evo*, ao mesmo tempo que *L1* se distancia deles apresentando lições diferentes.

Por outro lado, os exemplos *f*, *g* e *h*, nos quais *Evo* apresenta uma lição distinta a *L1* e *L2*, podem interpretar-se como motivados pela ação da censura, em desacordo com a crítica que se faz nesses determinados fragmentos.

a.

L2: 294r Evo: 1r	L1: 47r
Donde vem o meu senhor de <i>borzeguins amarelos, mais alfanados</i> <i>que hum potro ruço pombo.</i>	Donde vem o meu senhor de <i>botinhas tam justas e mais picadas q</i> <i>hum rosto doente de bexigas.</i>

b.

L1: 47r L2: 294r	Evo: 1v Sar: p. 365
quando todo o pezo de sua vida e estado confiava em suas mãos	quando dizia que só eles sustentavam este reino.

c.

L2: 295r Evo: 6r	L1: 48r-48v
huns dias quereis <i>o cabelo copado e corredio; outros dias, louro e crespo; e agora, porque de Tunes vierão quatro trosquiados, quiseste-lo ser todos</i>	hũs dias quereis <i>q vos dem os cabos da espada no giolho, outros dias trazei la tam cosida com vosco q parece que lhe quereis dar de mamar. e porq estes dias passados as traziam aqui em hũs ganchos que pareciam das egoas castas do Iffante, não auja já quem trouxesse talabartes</i>

d.

L2: 296r Evo: 9r	L1: 49r
pela boca <i>menos escondidos que os de Túlio</i>	pela boca <i>q garcilaso dela e menos rimados q os seus</i>

e.

L2: 297r Evo: 13r	L1: 50v
<i>porque andão todos de hum</i>	<i>andando todos num</i>

f.

L1: 51r L2: 297r	Evo: 14r Sar: 370
Ou de azémeis ou <i>cristãos novos. Fidalgo: Nem se avia de sofrer que as crónicas onde se as obras reaes imprimem se escrevessem de vossas mãos, e ainda vos digo que os cronistas havião-de ser de sangue tão apurado que nenhuã raça lhe ficasse de escudeiro, que daqui vem escreverem em seu favor</i>	Ou de azémeis ou <i>doutras piores raças.</i>

g.

L1: 51r L2: 297r	Evo: 14v Sar: 370
<i>gastão nele todo hum quaderno, como na Crónica d'el-Rei dom Afonso o do Salado; está hum Gonçalo Roiz Ribeiro e outro Foão que em Castela venceo os torneos na corte e matou o husão de Foão, que entre os castelhanos tinha o cume das armas. E isto com mais brosladuras que hum caparazão, ornando-o com taes palavras que por força o fazem ficar grande</i>	<i>gastais com ele todo o tempo</i>

h.

L1: 51v L2: 297v	Evo: 14v Sar: 370
<i>tam pobres escudeiros, e Até o conde don Nuno Álveres, que deixou o estado de Bragança, quereis que tivesse hum quarto disso. E dais por prova disso a capela dos corvos, que está em Évora-monte, feita por João Gonçalves Barbadão, seu avô, e que por esta razão há hí muitos que se desprezão de Pereiras</i>	<i>tam pobres escudeiros. E não paraes aqui que até neste reino pondes tacha a algumas casas ilustres dele, e</i>

II.4 Adições de breves segmentos do texto

a.

Evo: 15v Sar: 370	L1: 51v L2: 297v
<i>e o Almirante daquele reino</i>	<i>e o almirãte</i>

b.

L1: 49r L2: 295v	Evo: 8r Sar: 368
<i>todas as partes</i>	<i>todas as partes de maneira</i>

II.5 Omissões

Às vezes, tanto *L1* quanto *Evo* omitem alguns segmentos textuais, como, por exemplo:

a.

L2: 296r Evo: 10v	L1: 49r
com muitos de vós <i>outros, que vos não desse mais de soberba e ufania que de outros bens temporaes</i>	com muitos de vos

b.

L1: 51v L2: 297v	Evo: 15v Sar: 370
por não gastar mal o tempo. <i>Sei-vos dizer que, se vos não tirarem o ler, que não averá quem vos sofra, e se pera regimento da República hé forçado que alguns escrevão, consinto que para tabaliães os dexem aprender</i>	por não gastar mal o tempo.

Conclusões

A partir dos dados anteriores, é possível estabelecer as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, que tanto *L2* quanto *Evo* procedem de um mesmo ramo textual, dada a frequente coincidência em ambos de divergências voluntárias, especialmente as relacionadas com o léxico e com a rescrita de segmentos textuais, o que induz a pensar que *L2*, ou um manuscrito da sua mesma família, foi utilizado por *Evo* para a sua edição impressa. A isso temos de acrescentar o facto de *L2* aparecer numa miscelânea manuscrita junto do resto de obras que também se editam em *Evo* e que guardam grandes semelhanças textuais. Em segundo lugar, pode-se determinar que as lições de *Evo* que diferem tanto de *L1* quanto, sobretudo, de *L2*, são susceptíveis de ser interpretadas ora como intervenções provenientes da censura, ora como modificações levadas a cabo pelo próprio impressor. Em terceiro lugar, é possível afirmar que *L1*, que apresenta multidão de variantes distintas a *L2* e *Evo*, provém de um outro ramo textual diferente; tanto é assim que nos faz supor que houve uma dupla redação do *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, bem por parte do próprio Francisco de Moraes, bem por uma mão alheia a ele. Em último lugar, temos de destacar a tendência da edição de Saraiva (*Sar*) para corrigir partes do texto sem ter em consideração as variantes existentes em cada lugar crítico, criando deste modo um texto que nunca existiu, mas que nós quisemos reflectir nas notas de rodapé.

Critérios de edição

Os critérios aqui utilizados são conservadores. Ainda assim, estabelecemos algumas modificações: Em relação às grafias, mantém-se o uso de *v* e *b* segundo as leituras que se documentam no texto. As vogais nasais desenvolvem-se mediante uma consoante nasal (*maõs* > *mão*, *huã* > *huma*, *nenhũ* > *nenhum*, *põbo* > *pombo*, *quaõ/quã*, *latim*, *homẽs* > *homens*) e atualizam-se as terminações verbais (*chamarão* > *chamaram*). Usa-se a grafia *u*, *i* para o valor vocálico, também no caso de contextos semivocálicos, onde costuma aparecer a grafia *y* ou *j* (*rey*/ *rei*, *olhay*/ *olhai*, *pay*/ *pai*, *sey*/ *sei*, *reyno*/ *reino*), frente a *v*, *j* para o consonântico (*nouas*/ *novas*, *uosso*/ *vosso*, *cauallo*/ *cavalo*, *aduersa* > *adversa*). Sobre o consonantismo respeita-se o do texto base, embora se efetuem algumas intervenções como as seguintes: 1- Reduzem-se os grupos cultos *ph* (>*f*), *th* (>*t*) e *ch* (>*c*): *Christãos* > *cristãos*, *chrónica* > *crónica*, *prophecia* > *profecia*. 2- Para a pré-palatal fricativa surda (/ʃ/), contamos com as seguintes grafias: *ch-* (*chame*, *chegar*, *cheirando*), *-s* (*tendes*, *pois*, *ves*), *-x-* (*deixar*, *debaxo*, *caixa*). 3- A pré-palatal fricativa sonora apresenta as seguintes grafias: *y-* (*yuntamente*, *yunto*), *-y-* (*dezeyo*, *seya*, *preyudiciais*), *j-* (*juízes*, *trajo*), *g-* (*longe*, *engeitados*, *gente*, *gineta*). 4- Como fricativa dorso-alveolar surda (/s/) aparecem as grafias seguintes: *s-* (*sentenceado*, *sobrinho*, *sentença*, *sospeita*), *-ss-* (*vossos*, *assim*, *necessário*, *passados*, *passear*, *nosso*), *-ç-* (*preço*, *tenção*, *toutiço*, *graças*), *c-* (*cercado*, *certas*). 5- Como fricativa dorso-alveolar sonora (/z/) temos as grafias: *z-* (*zombais*), *-z-* (*fazeis*), *-s-* (*cousa*). De qualquer maneira, mantém-se a alternância que aparece no texto base da repartição entre as sibilantes. 6- A palatal nasal sonora (/ɲ/) representa-se mediante a grafia *nh* (*senhor*, *nenhum*, *unhas*, *castanhas*). 7- A palatal lateral sonora (/ɺ/) aparece representada por meio da grafia *lh* (*orelha*, *batalha*, *velhice*). 8- Em ocasiões substituímos a vibrante simples pela múltipla por não considerá-las como mostras de variação fonética. 9- As consoantes geminadas simplificam-se: *ll* > *l*, *mm* > *m*, *cc* > *c*, *pp* > *p* (*allegar* > *alegar*, *cauallo*/ *cavalo*, *cabello*/ *cabelo*, *immortaes* > *imortaes*, *peccador* > *pecador*, *supposto* > *suposto*). 10- O grupo *ch* com valor palatal na palavra *anichilá-los* actualiza-se com o grupo *qu*. 11- Epêntese de *e* na palavra *spirito* > *espírito*.

Sobre a união e separação de palavras, seguimos os usos do português atual. Usamos o apóstrofo nos casos de vogais elididas (*dantemão*/ *d'antemão*). Para diferenciarmos entre maiúsculas e minúsculas, tivemos em consideração os critérios actuais do português. Acentua-se seguindo as normas vigentes do português actual. Atualiza-se a pontuação segundo as normas vigentes do português. Desenvolvemos todas as abreviaturas que aparecem no texto: *m^{to}*. (muito), *Sor^o* (Senhor), *q* (que), *p^a*. (para), *Pater nr* (Pater noster), *f^{os}* (filhos), *pr^o* (primeiro), *Ds* (Deus), *derradr^o* (derradeiro), *escudr^o* (escudeiro).

Outros signos: usamos os parênteses quadrados ([]) para assinalar as emendas que fizemos no texto. Utilizamos a letra cursiva para as citações em outras línguas, tal qual figuram no texto e para os títulos de livros.

Com a intenção de conservar os valores fonéticos do original, tomamos a decisão de manter os polimorfismos e a alternância entre vogais *e/i*, *o/u*. Conservaram-se, igualmente, as variantes produzidas pelos fenómenos de: assimilação (*negóceo*, *sostentais*, *pozerdes*, *podesse*, *sustentardes*, *despostos*, *perafuzando*, *comonicação*, *escuras*, *príncipeps*); e a alternância na grafia da desinência da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples (*venceo*, *prendeo*). Por outro lado, decidimos não incluir nas notas de rodapé as muitas variantes vocálicas e consonânticas existentes entre *L2*, *L1* e *Evo* (exemplos: *Fis/ fiz*, *Dis/ diz*, *Hé/ e*, *Aver/ haver*, *Assi/ assim*, *Hum/ um*, *Chamaram/ chamarão*, *Andão/ andam*, *Calidades/ qualidades*, *Té/ ate*, *Baxos/ baixos*, *Dous/ dois*, *Concelho/ conselho*, *Cardozo/ cardoso*, *Ruço/ russo*, *Negóceo/ negócio*, *Vistir/ vestir*, *Molher/ mulher*, *Descuberto/ descoberto*).

O texto português completou-se com uma série de notas explicativas, a maioria sobre as personagens históricas citadas no mesmo, para que o leitor possa situar-se de uma maneira imediata no contexto da obra de Moraes.

Como dissemos anteriormente, o texto utilizado como base para esta nova edição do *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro* é o manuscrito da Coleção Pombalina, cód. 147 (*L2*). Só quando existem gralhas claras ou problemas de compreensão textual, recorreremos às lições ora do manuscrito 3563 da Biblioteca Nacional de Lisboa (*L1*), ora da edição impressa em 1624, na imprensa eborense de Manoel Carvalho (*Evo*). Em notas de rodapé, também incluímos as variantes da edição levada a cabo por José Hermano Saraiva (*Sar*), que costumam diferir das lições dos manuscritos *L1* e *L2*, assim como do impresso *Evo*.

Por último, com o fim de facilitar uma maior compreensão do texto, incluímos um pequeno dicionário de termos menos conhecidos.

Diálogo Primeiro
(Interlocutores: Fidalgo e Escudeiro)⁷

Fidalgo: Donde vem o meu senhor de borzeguins amarelos, mais alfanados que hum potro ruço pombo?⁸

Escudeiro: Ah,⁹ senhor, para que hé zombar dos vossos? Venho-vos ver, que há mil anos que o não fis.

Fidalgo: Ora bem, que dis lá Plínio? Que novas há pelo mundo?

Escudeiro: Correo o Xarife Çafim¹⁰ e matou cem lanças.¹¹

Fidalgo: Foi algum fidalgo antre eles?

Escudeiro: Não. Tudo erão cavaleiros.

Fidalgo: Maior hé logo o tom que a perda; cousa hé que pouco custa. Necessário hé para o reino aver menos escudeiros.

Escudeiro: Não parecia assi a El-Rei D. João quando todo o pezo de¹² sua vida e estado confiava em suas mãos.¹³

Fidalgo: Que certeza? Quão de¹⁴ longe vosso pai vos terá pregado isso trás o lar, para que depois o conteis a¹⁵ vossos filhos e vossos filhos a vossos netos, e assi vá¹⁶ de geração em geração até o dia do¹⁷ Judizo.¹⁸ E cada hum, quando o contar, há-de alegar¹⁹ com seus avôs, trazendo-o melhor decorado que o *Pater Noster*. E se vier à mão, também alegareis com o desastre de Touro,²⁰ e enfim nunca nenhum²¹ lhe deo²² hum cavalo na força da batalha.

⁷ Diálogo primeiro. Interlocutores: Fidalgo e Escudeiro *LI*: Colloquio q tem hum fidalgo com hum escudeiro

⁸ borzeguins amarelos, mais alfanados que hum potro ruço pombo? *LI*: botinhas tam justas e mais picadas q hum rosto doente de bexigas.

⁹ Ah *LI*: hay

¹⁰ Çafim *LI*: a tãgere

¹¹ Em 1541, nos finais de outubro, João III ordena a evacuação de Çafim e Azamor após a queda da fortaleza de Santa Cruz do Cabo de Gué às mãos do xerife Mulei Ahmede, rei de Marrocos. Anos depois, em 1544, este último e seu irmão Mulei Mohamede Xeque, rei de Suz, entram em uma guerra fratricida que acaba com a vitória do primeiro, em cujas mãos recaem a partir de então os reinos de Marrocos y Suz. Será em 1549, quando Mulei Mohamede Xeque se faça também com o reino de Fez. O texto, portanto, poderia situar-se de maneira aproximada depois de 1541.

¹² de *LI*: e

¹³ quando todo o pezo de sua vida e estado confiava em suas mãos *Evo Sar*: quando dizia que só eles sustentavam este reino

¹⁴ de *Sar*: om.

¹⁵ a *LI*: aos

¹⁶ vá *Sar*: irá

¹⁷ do *LI*: de

¹⁸ Judizo *LI*: juizo

¹⁹ há-de alegar *LI*: alegaraa

²⁰ Trata-se da Batalha de Touro, localidade çamorana, que no 1 de março de 1476 enfrentou as tropas dos Reis Católicos com as de Afonso V de Portugal. Enquadrada na Guerra de Sucessão Castelhana,

Escudeiro: Não sei de cavalo, que o não averia mister, mas sei de alguns que deixaram a vida²³ no campo, que eram de maior preço, e destes achareis vós muitos, e de²⁴ fidalgos não sei quantos.

Fidalgo: Pois bem! E tendes por onesto que o sangue de hum fidalgo criado para cousas grandes se aventure por qualquer?²⁵ Ou parece-vos cousa justa²⁶ que a dignidade²⁷ da fidalguia se venda tão²⁸ barato²⁹ como a humanidade vossa? ^{294v} Lançavos homem diante porque³⁰ nos perigos sejais escudo dos nobres. Se venceis, a³¹ virtude deles o³² causa; se vos vencem,³³ não se perde muito nisso, pois está claro que, segundo a natureza gera de vós outros mais do necessário, em três dias comereis tudo como traça. Enfim, tendes os espíritos grossos, praticais como sentis, e se vier à mão, assi como o dizeis o credes, e esta ignorância vos fas dinos de menos culpa.

Escudeiro: Encareceis-me tanto ser fidalgo e³⁴ fazeis-me tamanhos beocos com isso, que cuido que vivo errado. E por isso queria saber de vós donde vem a fidalguia.

Fidalgo: Quem se possesse em disputa convosco! Que certeza querer³⁵ afirmar e defender que todos somos huns! E para provar esta tenção, trareis mais doutores na testa do que há estrelas no céu.

Escudeiro: Não cureis³⁶ de enfeitar³⁷ razões nem dar³⁸ cor a palavras.³⁹ Pergunto donde vem a fidalguia.

Fidalgo: Dir-vo-lo-ei com condição que não cureis de velhices nem vos lembre que todos somos filhos de Adam e Eva, que este hé hum couto a que vos logo acolheis, e⁴⁰ té isto tendes de baxos.

Escudeiro: Não vos escudeis d'antemão, nem vos sangreis em saúde. Respondei-me ao que vos digo, que bem sei onde vou.

esta batalha, que acabou com vitória de Fernando de Aragão, deu como resultado a capitulação do exército português e a perda das aspirações de Joana de Trastámara a reger a coroa portuguesa.

²¹ nenhum *L2 Evo Sar: om.*

²² deo *Sar: deram*

²³ a vida *L1: as vidas*

²⁴ de *L2 Evo Sar: om.*

²⁵ por qualquer *L1: om.*

²⁶ justa *L1: om.*

²⁷ dignidade *L1: diuindade*

²⁸ tão *L1: tam de*

²⁹ barato *Evo Sar: barata*

³⁰ porque *L1: para q*

³¹ a *L1: com*

³² o *L1: a*

³³ vencem *L1: vence*

³⁴ e *L2 Evo Sar: om.*

³⁵ querer *L1: quererdes*

³⁶ cureis *L1: curemos*

³⁷ enfeitar *L2 Evo Sar: afeitar*

³⁸ *Sar: om.*

³⁹ *Sar: palavra*

⁴⁰ *Sar: om.*

Fidalgo: Assi que quereis que vos diga donde vem a fidalguia? Sabei que vem dos reis, e se não, olhai os brasões das linhagens antigas e vereis donde procedem.⁴¹

Escudeiro: E os reis, donde procedem?⁴²

Fidalgo: Cedo vireis à Trindade.⁴³ Mudai a prática de meu concelho, que se esse⁴⁴ caminho levais, asinha⁴⁵ vos dará o vao pela orelha.

Escudeiro: Já sei que receais⁴⁶ o fim deste negóceo e defendei-lo com escusas. Donde vindes? De lá vimos, e⁴⁷ porém, a fidalguia, que os antigos chamaram nobreza, era nome de preheminência tamanha que a quem ficava de pai a filho, por duas cousas se alcançava: ou por obras imortaes dignas de fama e glória,⁴⁸ ou por vida caleficada⁴⁹ em virtudes. E⁵⁰ quem estas ou cada huma delas não tinha, não tão somente carecia do nome de seus passados,⁵¹ mas ainda ficava tido por infame. E vós agora quereis que a nobreza vos fique por herança e património, não⁵² curando das qualidades com que se deve de⁵³ alcançar ou com que se deve⁵⁴ conservar.⁵⁵ E⁵⁶ o pecador do escudeiro, que do berço começou a merecê-la seguindo os próprios passos e obras⁵⁷ por onde se ela⁵⁸ há-de merecer e ganhar, porque não teve quem representasse suas obras, ou lhe foi a ventura tão adversa que morreo em seu ofício, não quereis que se fale nele?⁵⁹ E se viveo, ficaram-lhe os perigos por galardão e o nome por vitupério. E quando Deos queria, daqui se faziam os duques e os⁶⁰ outros estados de que os reinos estão cheos, porque as obras^{295r} de hum escudeiro, se têmão merecimentos,⁶¹ não lhe tiravam seu preço murmurações de fidalgos nem eles queriam usar disso; antes com a⁶² autoridade de suas pessoas autorizavão com palavras as obras de quem as tinha tais que lhe não falecia mais que quem as representasse, o que agora não vemos em nenhum de vós, senão ocupados de enveja dos feitos alheos trabalhais por aniquilá-los. E se por caso

⁴¹ procedem *LI*: procede

⁴² procedem *LI*: vieram

⁴³ cedo virejs aa trindade *L2*: seedo vireis a Trĩdade

⁴⁴ esse *LI*: este

⁴⁵ asinha *LI*: a poucos passos

⁴⁶ receais *LI*: releais

⁴⁷ e *L1 Evo Sar*: om.

⁴⁸ e glória *LI*: gloriosa

⁴⁹ caleficada *LI*: qualificada

⁵⁰ E *L2*: e em

⁵¹ passados *LI*: ãtepassados

⁵² não *LI*: e não

⁵³ de *L1 Evo Sar*: om.

⁵⁴ de alcançar ou com que se deve *Sar*: om.

⁵⁵ deve conservar *LI*: hade cõservar

⁵⁶ E *LI*: em

⁵⁷ obras *Sar*: obrar

⁵⁸ ela *L2 Evo Sar*: om.

⁵⁹ nele *LI*: nelles

⁶⁰ os *Sar*: om.

⁶¹ merecimentos *LI*: merecimto

⁶² a *LI*: om.

alguma hora os louvais, hé com tal som que não passa de dez mil de tença. E para prova disso,⁶³ olhai que neste nosso Portugal a cousa com que mais injúria cuidais que fazeis a hum homem hé com chamar-lhe⁶⁴ *escudeiro*; e⁶⁵ até nisso empeceis a vós mesmos, porque já não há algum⁶⁶ que se não chame fidalgo. Enfim, queria-vos ver de vantagem dos outros homens, sofridos nos accidentes, esforçados nos perigos, pacientes cos⁶⁷ menores, moderados nas palavras para vos confessar⁶⁸ parte do que sustentais. Mas como quer que tudo isto⁶⁹ tendes ao revês, vede em que se perde mais, se na humanidade dos⁷⁰ que estas calidades têm, ou daqueles que as não seguem.

Fidalgo: Quem me desse achar hum escudeiro desviado de orador⁷¹ ou que não soubesse três dedos de latim! E se algum daqui escapa, achai-lo tão lido que sabe⁷² Petrarca de cor. Nenhuma crónica lhe escapa,⁷³ e quando as passam, qualquer feito de escudeiro que vem à sua vontade põem-lhe mãosinha na margem, por que⁷⁴ fique bem cotado,⁷⁵ e vão dar nele cada ves que o buscarem. Mas esta culpa hé dos cronistas, que querem encher papel com cousas bem escusadas. Hora vede, se com tais doutores vos pozerdes em palavras, quem irá debaixo? Estou em ponto de vos dizer e⁷⁶ confessar que falais bem, e não poderá Deus⁷⁷ convosco. Porém, porque vós⁷⁸ não vades assi, dissei-me huma cousa:⁷⁹ como estais com mula panda, pernas compridas, calças de malinas,⁸⁰ capa aberta, cabelo louro e crespo, espada até esta,⁸¹ passear no terreiro?

Escudeiro: Bem me parecera se isso⁸² andara⁸³ sempre em seu lugar. Mas hum tempo trazeis o⁸⁴ capelo⁸⁵ no toutiço, outro tempo nos quadris;⁸⁶ huns dias quereis o

⁶³ disso *LI*: disto

⁶⁴ chamar-lhe *LI*: lhe chamar

⁶⁵ e *LI*: *om.*

⁶⁶ algum *LI*: quem

⁶⁷ cos *LI*: com os

⁶⁸ vos confessar *LI*: q vos confessase

⁶⁹ isto *LI*: *om.*

⁷⁰ dos *Sar*: do

⁷¹ de orador *LI*: do rodor

⁷² sabe *Sar*: sabem

⁷³ escapa *LI*: foge

⁷⁴ porque *LI*: para q

⁷⁵ cotado *LI*: cotada

⁷⁶ dizer e *LI*: *om.*

⁷⁷ Deus *Evo Sar*: ninguém

⁷⁸ vós *Sar*: *om.*

⁷⁹ hũa cousa *LI*: *om.*

⁸⁰ malinas *LI*: raxa, imperiais

⁸¹ espada até esta *L2 Evo Sar*: *om.*

⁸² isso *LI*: isto

⁸³ andara *LI*: andasse

⁸⁴ o *LI*: *om.*

⁸⁵ capelo *Sar*: cabelo

⁸⁶ nos quadris *LI*: pelos hombros

cabelo copado e corredio; outros dias,⁸⁷ louro e crespo; e agora, porque de Tunes vieram quatro trosquiados, quiseste-lo ser todos.⁸⁸ Ouvistes dizer que no campo avia capas e pelotes curtos,⁸⁹ de sorte⁹⁰ que descobris quanto tendes; quereis-vos vistir na paz do traje⁹¹ que se fes para a guerra, de maneira que pelas mudanças do vistir⁹² ninguém sabe de que terra sois. Andais à gineta com o que se fes para a brida, e com isto⁹³ chamaes-vos inventores de costumes, podendo-vos⁹⁴ melhor caber inventores de necidades.⁹⁵

Fidalgo: Ainda que possa⁹⁶ escusar defender-me com palavras, porque não cuideis que falais bem, ^{295v} dar-vos-ei a ⁹⁷ desculpa. Sabeis quem⁹⁸ dana o mundo? Quem⁹⁹ fas fazer essas¹⁰⁰ novidades? A piquice de vós outros, que se Foão quis fazer hum capus curto, não ouve mais escudeiro¹⁰¹ no reino que o trouxesse comprido, de maneira que nenhum traje se pode costumar que o vós outros não useis, e por esta razão usamos de cousas novas para ver se cansareis, que hum dos maiores trabalhos que sinto nesta vida –e assi o devem de sentir todos–, hé antre o povo comum não se fazer diferença de escudeiros a fidalgos. E perdoe Deus a El-Rei Nosso Senhor, que ele tem a culpa disto,¹⁰² pois vos não manda trazer hum escrito na testa que declare: *Escudeiro*.

Escudeiro: Já consenteria¹⁰³ que praguejasse deles quem os podesse¹⁰⁴ ter de seu, mas a estes não lhes¹⁰⁵ lembra porque se não dóem desta chaga. Outros que andam no mesmo lote, estes são os que se temem, que são huns fidalgos mestiços d'antre lobo e¹⁰⁶ cão, que vivem sempre em quinta,¹⁰⁷ e quando vêm à Rua Nova parecem¹⁰⁸

⁸⁷ outros dias *Sar*: outro dia

⁸⁸ o cabelo copado e corredio; outros dias louro e crespo; e agora, porque de Tunes vierão quatro trosquiados, quiseste-lo ser todos *LI*: q vos dem os cabos da espada no gíolho, outros dias trazei la tam cosida com vosco q parece que lhe quereis dar de mamar. e porq estes dias passados as traziam aqui em hũs ganchos que pareciam das egoas castas do Iffante, não auja já quem trouxesse talabartes

⁸⁹ curtos *LI*: trazeilos, muito mais curtos

⁹⁰ sorte *LI Sar*: forma

⁹¹ traje *LI*: *om*.

⁹² vistir *LI*: vestido

⁹³ isto *LI*: isso

⁹⁴ podendo-vos *L2 Evo Sar*: podendo

⁹⁵ necidades *LI*: necessidades

⁹⁶ possa *LI*: posso

⁹⁷ bem, dar-vos-ei a *LI*: bem, daruoshey disso *Sar*: sem vos dar essa

⁹⁸ quem *LI*: o q *Sar*: que

⁹⁹ Quem *LI*: e o quem

¹⁰⁰ essas *LI*: estas

¹⁰¹ escudeiro *Sar*: escudeiros

¹⁰² disto *Sar*: nisto

¹⁰³ consenteria *LI*: cõsẽtira

¹⁰⁴ podesse *LI*: pode

¹⁰⁵ lhes *L2*: lhe

¹⁰⁶ e *LI*: *om*.

¹⁰⁷ quinta *LI*: quĩtã

¹⁰⁸ parecem *Evo Sar*: parece

vêm¹⁰⁹ envergonhados, metendo a vista por elmo de muito embuçados, a lama muito grande, gualdrapa de três mudas como gavião, furada por mais lugares que hum crivo de Alentejo, e fas cortezia com a cabeça por se não descompor,¹¹⁰ e anda de amores com qualquer molher solteira, e vota a Deus que leva nas mãos quantas damas há no paço de¹¹¹ discreto e de¹¹² galante. A¹¹³ este tal dar-lhe-eis licença que possa zombar?

Fidalgo: Esse¹¹⁴ tal lancem-no aos liões, encampem-no¹¹⁵ aos escudeiros; decerão a ele como pardais sobre mocho.

Escudeiro: Mas quantos há de vós outros, em quem isto pode caber, se¹¹⁶ quisésseis conhecer-vos?

Fidalgo: Mas¹¹⁷ quanto¹¹⁸ perigo hé tornar-se¹¹⁹ homem com hum escudeiro refinado que se abruquela por¹²⁰ todas as partes¹²¹ que por nenhuma o achareis em descoberto. Já sei que sois tão provido¹²² que tendes sempre na pousada marmelada de arrobe pera convidar os amigos, e dizeis que não ajam nojo, que a¹²³ fes molher muito limpa, e eles limpão a caixa, que parece varrida à vassoura. Que gostosa cousa seria poder¹²⁴ por hum buraco, de que não tivésseis¹²⁵ sospeita, ver hum roda de vós outros! Que hé¹²⁶ certeza gastardes o tempo e a prática à custa da fidalguia e achardes que hum loba aberta com hum¹²⁷ rabo muito comprido e chapéo albanês na cabeça não dis hum com o¹²⁸ outro, e sustentardes que huns chapins de meas capelas¹²⁹ das¹³⁰ que¹³¹ chamavão alcorques, era o melhor trajo do mundo, e que foi erro deixar-se de¹³² costumar. Estas parvoíces não posso eu sofrer, nem ver moço¹³³ da câmara com

¹⁰⁹ vêm *LI*: om.

¹¹⁰ descompor *LI*: descobrir

¹¹¹ de *Sar*: por

¹¹² de *L2 Evo Sar*: om.

¹¹³ A *L2 Evo Sar*: om.

¹¹⁴ Esse *LI*: este

¹¹⁵ encampem-no *LI*: cãpeeno

¹¹⁶ se *LI*: e se

¹¹⁷ Mas *LI*: om.

¹¹⁸ quanto *LI*: quamanho

¹¹⁹ tornar-se *LI*: tomarse

¹²⁰ por *LI*: de

¹²¹ partes *Evo Sar*: partes de maneira

¹²² provido *LI*: prouidos

¹²³ a *L2 Evo Sar*: o

¹²⁴ poder *L2 Evo Sar*: om.

¹²⁵ tivésseis *Evo Sar*: tivesse

¹²⁶ hé *L2 Evo Sar*: om.

¹²⁷ hum *L2 Evo Sar*: om.

¹²⁸ o *LI*: om.

¹²⁹ capelas *L2*: capela *Evo Sar*: capelladas

¹³⁰ das *LI Evo*: om.

¹³¹ que *LI*: q se

¹³² deixar-se de *Evo Sar*: deixar de se

¹³³ moço *LI*: moços

roupões emprestados na pousada¹³⁴ pela sesta, passear¹³⁵ o dia todo, e se tem huma só¹³⁶ cadeira, ocupa-a com¹³⁷ o vestido e chama-lhe guarda-roupa; e por derradeiro, assoam-se na aba do pelote. No paço roçam-se convosco, conversam-vos de por força e¹³⁸ çafam-vo-la¹³⁹ capa. E o peor daqui hé que sahis logo daqui¹⁴⁰ cheirando a escudeiro, de sorte que não podeis ir às damas té que vos não tresladeis^{296r} em outro traje, ou vos não desinvioleis como adro.

Escudeiro: Bem me parece que defendais¹⁴¹ vossa roupa à custa alhea, mas quero ver que desculpa me dareis¹⁴² a ser devido¹⁴³ mais do necessário: enfeitardes-vos de sol a sol, lançando versos¹⁴⁴ pela boca menos escondidos que os de Túlio;¹⁴⁵ curais o carão, prezais-vos de perfumados, e quem o assi não fas avei-lo por grosseiro, e sobretudo,¹⁴⁶ há alguns que se alugão para banquetes; zombais de toda a relé; e por derradeiro, louva-vos¹⁴⁷ de bem despostos¹⁴⁸ qualquer francelho que tem unhas¹⁴⁹ brancas.

Fidalgo: Ponde-vos em razões com hum¹⁵⁰ escudeiro gramático e vereis onde is ter, que são o próprio¹⁵¹ origem dos¹⁵² anexins e sabem mais dichos que o grão¹⁵³ Simão¹⁵⁴ da Silveira, e os mais adoecem de Fernão Cardozo.¹⁵⁵ E com isto¹⁵⁶ são tão dados à conversação que vos abraçam na rua, havendo dous dias que vos não viram. E já isto se¹⁵⁷ sofreria, se¹⁵⁸ não quisessem fazê-lo¹⁵⁹ em toda a parte, de sorte que lhes¹⁶⁰

¹³⁴ emprestados na pousada *LI*: na pousada emprasados

¹³⁵ passear *Evo Sar*: passando

¹³⁶ só *Sar*: *om.*

¹³⁷ com *LI*: *om.*

¹³⁸ e *LI*: *om.* *Sar*: a

¹³⁹ çafão-vo-la *LI*: safamuos a

¹⁴⁰ daqui *LI*: *om.*

¹⁴¹ defendais *LI*: defendeis

¹⁴² dareis *LI*: dais

¹⁴³ devido *L2 Evo Sar*: divino

¹⁴⁴ lançando versos *LI*: lâçardes mais sonetos

¹⁴⁵ menos escondidos que os de Túlio *LI*: q garcilaso dela e menos rimados q os seus

¹⁴⁶ sobretudo *Evo Sar*: contudo

¹⁴⁷ louva-vos *L2 Evo Sar*: levavos

¹⁴⁸ despostos *LI*: desposto

¹⁴⁹ que tem unhas *LI*: dunhas

¹⁵⁰ hum *LI*: *om.*

¹⁵¹ o próprio *LI*: a propria

¹⁵² dos *LI*: de

¹⁵³ grão *LI*: grande

¹⁵⁴ Simão *LI*: fernam

¹⁵⁵ (Noronha 1996, V, 55): “Foi Fernão Cardozo de nobre geraçam, estimado e conhecido na corte del Rey D. João III, pella grande agudeza dos seus ditos. Cazou em Santarém com Felipa de Brito, que era da primeira nobreza daquela vila”.

¹⁵⁶ isto *LI*: isso

¹⁵⁷ se *L2 Evo Sar*: *om.*

¹⁵⁸ se *LI*: se o

¹⁵⁹ fazê-lo *LI*: fazer

não falece senão andar¹⁶¹ aos touros convosco, jugar às canas e entrar¹⁶² em outros autos reservados à fidalguia. Se his à carreira, achai-los lá; não podeis dar passo que não embiqueis com¹⁶³ escudeiro; cuidais que a passareis¹⁶⁴ bem, eles passam-na melhor; e daqui veo não aver já quem as¹⁶⁵ corra, e correrem a¹⁶⁶ quem o faz, e tê-lo¹⁶⁷ por cousa baixa. Em qualquer cousa de perigo passam-no como se o não ouvesse; são imigos da vida porque perdem pouco nela, e por isso não lhes¹⁶⁸ dá nada perdê-la. Vós tende-la¹⁶⁹ vossa em mais, de modo que necessariamente¹⁷⁰ hão-de ganhar honra convosco¹⁷¹ à vossa custa. Se fazeis a barba à Carvalha,¹⁷² fazem-na da mesma sorte, e daqui vem¹⁷³ desacustumar-se já e tirar o gosto aos homens e fazer dar por huma mula cem cruzados, porque aqui não chega Rui de Sande.¹⁷⁴

Escudeiro: Folgo que me confessais¹⁷⁵ ser esse o derradeiro remédio de vossa salvação, e também folgo que nele vos salvais¹⁷⁶ bem poucos, que não repartio a fortuna tão largo com muitos de vós outros, que vos não desse mais de soberba e ufanía que de outros bens temporaes.¹⁷⁷ E por isso à míngua desses cem crusados, alguns irão embuçados ao paço. Enfim, sois gente feita a¹⁷⁸ vosso proveito, aveis brigas huns com outros, concluem-se em palavras, tudo se desfaz em oferecimentos de parte a parte, logo sois amigos. Se vos anoja hum escudeiro, ali executais vossas iras, e¹⁷⁹ ali aveis que vos vai a honra, que no al não vos vai nada. E não olhais que é isto grande¹⁸⁰ sinal de fraqueza, porque não estimais cair¹⁸¹ nela, nem cuidais que sois

¹⁶⁰ lhes *L2 Evo Sar*: lhe

¹⁶¹ andar *LI*: ir

¹⁶² entrar *LI*: entrarem

¹⁶³ com *LI*: em

¹⁶⁴ passareis *LI*: passais

¹⁶⁵ as *LI*: a

¹⁶⁶ correrem a *LI*: correm

¹⁶⁷ tê-lo *LI*: temno

¹⁶⁸ lhes *L2 Evo Sar*: lhe

¹⁶⁹ tende-la *LI*: tendes a

¹⁷⁰ de modo que necessariamente *LI*: Assi q de necessidade

¹⁷¹ convosco *LI*: om.

¹⁷² Carvalha *LI*: marquesota

¹⁷³ vem *LI*: veo

¹⁷⁴ Rui de Sande, Ruy de Sande ou Rodrigo de Sande, foi moço de escritório de D. João II e, após conseguir uma elevada posição dentro da corte, desempenhou labores de embaixador tanto no casamento entre a infanta dona Isabel e o príncipe D. Afonso. De igual modo foi partícipe nas negociações prévias à assinatura do Tratado de Tordesilhas. Participou em numerosas ações militares tanto na guerra de Granada quanto no norte de África. Também destacou como poeta.

¹⁷⁵ confessais *Evo Sar*: confesseis

¹⁷⁶ salvais *Evo Sar*: salveis

¹⁷⁷ outros, que vos não desse mais de soberba e ufanía, que de outros bens temporaes *LI*: om.

¹⁷⁸ a *LI Sar*: ao

¹⁷⁹ e *LI*: om.

¹⁸⁰ grande *LI*: grão

¹⁸¹ não estimais cair *LI*: a não estimais não cahjs

fidalgo, senão em quanto tendes soposto ao¹⁸² escudeiro. Parece-vos que são algum tanto mais abaxo¹⁸³ ou vós outros mais acima, e disto vos contentais. Prouvesse a Deus que não tivésseis este soposto! Veríamos que¹⁸⁴ ficáveis ou de que vos contentáveis! Tamanha dor tendes de suas obras que, quando com as vossas lhe não podeis empecer, empecéis-lhe¹⁸⁵ com^{296v} desdém, praticai-las com desprezo, e com aquilo cuidais que lhe fazeis guerra. Se hum escudeiro hé músico, o¹⁸⁶ outro cavalgador e alguns discretos,¹⁸⁷ manhosos, galantes, ou têm algumas manhas per que se devão estimar, não há paciência que vos ensine a sofrê-lo. Queixais-vos da natureza, que repartio¹⁸⁸ mal suas graças, e aveis que nos outros homens são perdidas e que postas em vós outros seriam de todo ganhadas.¹⁸⁹ Se entendeis que vos entendem, sofri-lo muito peor, quereis que tenham os espíritos grossos e os intendimentos ignorantes. E já que não pode ser, quereis-lhe prender os pensamentos, que não possam julgar de vós segundo vossas inclinações.

Fidalgo: E achais que nisso não temos muita razão? Há hí¹⁹⁰ maior mal ou pode ser mor desgosto que aver homem¹⁹¹ de cuidar que, o que fidalgos falão de segredo,¹⁹² queirão escudeiros estar¹⁹³ perafuzando na praça, e com suas sutilezas hirem sempre dar no certo? E daqui veo às regateiras terem certas profecias pela comonicação que têm com eles. Então não vos contentais de parar aqui, mas pondes o risco mais alto, e quereis ser tão sutis que trancendais¹⁹⁴ os pensamentos alheos. Tratais do que passa no concelho, quem falará melhor nele; ali tirais Foão, e¹⁹⁵ que se pode escusar outro Foão; e que Foão algumas qualidades tem, mas¹⁹⁶ que nas cousas da¹⁹⁷ guerra não pode ser bom juís.¹⁹⁸ O¹⁹⁹ outro dizeis que fala bem,²⁰⁰ porém, que hé mais eloquente que discreto e que alguns andam de fora engeitados,²⁰¹ que seriam mais para isso que os de dentro; e por derradeiro, afirmais que, se El-Rei se aconselhasse com escudeiro,²⁰²

¹⁸² ao *LI*: a

¹⁸³ abaxo *Sar*: baixos

¹⁸⁴ veríamos que *LI*: viramos quem

¹⁸⁵ empecéis-lhe *Sar*: empecéis-lhes

¹⁸⁶ o *L2 Evo Sar*: om.

¹⁸⁷ discretos *LI*: e discretos

¹⁸⁸ repartio *LI*: reparte

¹⁸⁹ e que postas em vós outros seriam de todo ganhadas *L2 Evo Sar*: om.

¹⁹⁰ hí *LI*: ahj

¹⁹¹ homem *LI*: om.

¹⁹² falão de segredo *LI*: de segredo tratã

¹⁹³ escudeiros estar *LI*: estar escudeiros

¹⁹⁴ trancendais *LI*: trazendo os *Evo Sar*: transcendeis

¹⁹⁵ e *LI*: e achar

¹⁹⁶ mas *LI*: mais

¹⁹⁷ da *LI*: de

¹⁹⁸ pode ser bom juís *LI*: om.

¹⁹⁹ O *L2 Evo Sar*: om.

²⁰⁰ bem *LI*: mais digo bem

²⁰¹ engeitados *LI*: emceitados

²⁰² escudeiro *L1 Evo Sar*: escudeiros

seria cousa do céo. Achais que a guerra com França²⁰³ seria proveitosa e necessária, e que a desvia quem a teme. Assi que²⁰⁴ tratais huns com outros da governança do reino como se fósseis partes nele.²⁰⁵ Revolveis todos os Estados, quereis correger o mundo cuidando que sois gente.²⁰⁶ Se vos acucalais²⁰⁷ sete ou oito, hé a sentença tanta à custa da fidalguia, que nunca acabais em al. Tomais hum candieiro de azeite no meo, e sobre meo alqueire de castanhas assadas té que não dais com a matula em seco e vos não deixa às escuras, não deixais a prática.

Escudeiro: Ora vedes isso?²⁰⁸ Era o que vos dizia, que de sentirdes que vos sentimos, vos não fica paciência. Quereis ter as obras à vossa vontade e não quereis que vo-las grozem. Quereis-vos soberanos em tudo e de aver quem o estranhe não o²⁰⁹ podeis consentir. Tomais por inimigo o ferro de huma lança, como se vos firisse, porque os que isto mais têm são os que se criarão²¹⁰ entre eles, e quanto mais chegados a escudeiros lhes parece²¹¹ que são, mais²¹² os vedes praguejar. Queixam-se do que lhes²¹³ dóe²¹⁴ –que isto hé natural de qualquer doença aos²¹⁵ príncipes e os²¹⁶ senhores e alguns²¹⁷ fidalgos tão²¹⁸ nobres a que este receio não²¹⁹ chega–, vê-los-eis mais desviados desta dor, agazalham-vos consigo,²¹⁹ favorecem-vos no que podem, porque se não temem do que vós outros vos temeis. E daqui vem alguns senhores deste reino praguejarem de escudeiros, porque andam²²⁰ todos de hum²²¹ lote.²²² E mais quero que saibais, e com isto me despido, que este nome de *escudeiro* só os reis e²²³ príncipes usam dele, que cos²²⁴ mais são companheiros, e daqui se fizeram eles, que hoje em dia

²⁰³ Este dado histórico relacionado com as guerras hispano-francesas também poderia ajudar a situar o texto, embora com certas cautelas: ora pode referir-se aos anos posteriores à Trégua de Niza, assinada em junho de 1538, ora a um momento posterior à Paz de Crépy, que se fechou no 18 de setembro de 1544.

²⁰⁴ que L2 *Evo Sar: om.*

²⁰⁵ nele LI: nella

²⁰⁶ Assi tratais huns com outros da governança do reino como se fósseis partes nele. Revolveis todos os Estados, quereis correger o mundo cuidando que sois gente *Evo Sar: om.*

²⁰⁷ acucalais LI: acogulais *Evo Sar: açacalais*

²⁰⁸ Ora vedes isso? LI: Hora isso he

²⁰⁹ o LI *Sar: om.*

²¹⁰ criarão LI: criam

²¹¹ parece LI: parecem

²¹² mais LI: mais e

²¹³ lhes L2 *Evo Sar: lhe*

²¹⁴ do que lhe doe *Evo Sar: daqueles de q se doem*

²¹⁵ Aos LI: os

²¹⁶ os L2 *Evo Sar: om.*

²¹⁷ alguns LI: os

²¹⁸ tão *Evo Sar: que são*

²¹⁹ consigo *Evo Sar: com fogo*

²²⁰ porque andão LI: andando

²²¹ de hum LI: num

²²² lote *Evo Sar: cote*

²²³ reis e LI L2: *om.*

²²⁴ cos LI: cõ os

se costuma em muitas partes, e nesta nossa Espanha, e²²⁵ especialmente em Castela, os irmãos acompanhar e servir²²⁶ seus irmãos e huns parentes a²²⁷ outros parentes, e serem mantidos deles, e daqui se vai de pai a filho, e de filho a neto, arredando o parentesto e ficam-lhe²²⁸ em escudeiros, nascendo todos de hum tronco, e muitas vezes os mais assinalados²²⁹ em sangue vêm acompanhar outros de menos²³⁰ qualidade, porque tiveram mais que eles. Se não costumais de ler, gastae o tempo nisso e achareis o que vos digo.

Fidalgo: Esse hé o demo de que me quexo, que vos não queria tão legistas, que até o ler vos avia de ser defeso porque²³¹ não soubésseis tanto! E já que ahí não há lei que o tolha, havíeis²³² de ter alçada até Amadis,²³³ e não ir²³⁴ mais por diante, que não hé bem²³⁵ que saibais quaes são os²³⁶ fidalgos deste tempo que procederam da origem real, e quais procedem de²³⁷ escudeiros.²³⁸

Escudeiro: Ou de azémeis ou²³⁹ cristãos novos!

Fidalgo: Nem se avia de sofrer que as crónicas onde se as obras reaes imprimem se escrevessem de vossas mãos, e ainda vos digo mais,²⁴⁰ que os cronistas haviam-de²⁴¹ ser de sangue tão apurado que nenhuma raça lhe²⁴² ficasse de escudeiro, que daqui vem escreverem em seu favor.²⁴³ E se por acaso²⁴⁴ algum escudeiro,²⁴⁵ além ou na guerra de Castela, lhe viram²⁴⁶ fazer algum feito²⁴⁷ sinalado,²⁴⁸ gastam nele²⁴⁹ todo

²²⁵ e *L1*: om.

²²⁶ acompanhar e servir *L1*: acompanharem e servirem

²²⁷ a *L2 Evo Sar*: om.

²²⁸ ficção-lhe *Evo Sar*: ficandolhe

²²⁹ assinalados *L2 Evo*: afinados *Sar*: assinados

²³⁰ menos *L1*: menor

²³¹ porque *L1*: para q

²³² havíeis *L1*: haveis

²³³ Amadis *L1*: Madiz

²³⁴ ir *L2 Evo Sar*: om.

²³⁵ bem *Evo Sar*: bom

²³⁶ são os *L1*: om.

²³⁷ de *L1*: dos

²³⁸ escudeiros *Evo Sar*: escudeiro

²³⁹ ou *L1*: ou de

²⁴⁰ mais *L2 Evo Sar*: om.

²⁴¹ havião-de *L1*: deuiam de *Evo*: om.

²⁴² lhe *L1*: lhes

²⁴³ cristãos novos. Fidalgo: Nem se avia de sofrer que as crónicas onde se as obras reaes imprimem se escrevessem de vossas mãos, e ainda vos digo que os cronistas havião-de ser de sangue tão apurado que nenhuã raça lhe ficasse de escudeiro, que daqui vem escreverem em seu favor *Evo Sar*: de outras peiores raças

²⁴⁴ acaso *L2 Evo*: caso

²⁴⁵ algum escudeiro *L2*: om.

²⁴⁶ viram *L2*: fezerão

²⁴⁷ lhe viram fazer algum feito *Sar*: fez algum feito

²⁴⁸ sinalado *L1 L2*: om.

²⁴⁹ gastão nele *Evo Sar*: gastais com ele

hum quaderno, como na *Crónica d'El-Rei dom Afonso o do Salado*²⁵⁰ está hum Gonçalo Roiz Ribeiro²⁵¹ e outro Foão, que em Castela venceu os torneos na corte e matou o louçam²⁵² de Foão,²⁵³ que²⁵⁴ entre os castelhanos tinha o cume das armas. E isto com mais brosladuras que hum caparazão, ornando-o com taes palavras que por força o fazem ficar grande.²⁵⁵ Então vós outros quereis ter vida, quereis ler. Se achais algum feito de fidalgo passais por ele à rédea solta; se chegais a hum dest'outros,²⁵⁶ fazeis pausa, d<r>obrais a folha, ajuntais a vizinhança, não vos falece senão fazer bolsa para ser²⁵⁷ mais huns²⁵⁸ por outros do que são os cristãos-novos. Achais um João Afonso²⁵⁹ que matou três mouros^{297v} em campo, ou outro²⁶⁰ João Afonso²⁶¹ Esteves,²⁶² que axorou huma fusta entre Ceuta e Gibraltar, ou hum João Pacheco,²⁶³ que em Castela prendeo o Arcebispo de Toledo.²⁶⁴ Tomaes os óculos na mão e, em vez de o ler²⁶⁵ aos circunstantes, pregais-lho,²⁶⁶ e então achais que daqueles se fez a casa de Benavente,²⁶⁷ o marquizado²⁶⁸ de Vilhena,²⁶⁹ o ducado de Albuquerque,²⁷⁰ e

²⁵⁰ o do Salado *LI*: do Sellado

²⁵¹ Gonçalo Roiz ou Rodrigues Ribeiro. As justas e torneios deste cavaleiro na corte de Castela, junto das de Vasco Anes e Fernando Martins de Santarém, narram-se na *Crónica de D. Afonso IV* (caps. XIV-XVI), de Rui de Pina. Esta personagem também aparece mencionado em *Os Lusíadas* (VIII, 27), de Camões.

²⁵² louçam *L2* lusão *Evo Sar*: om.

²⁵³ Durante as justas, Gonçalo Rodrigues Ribeiro lutou com o nobre visconde Martim de Lara, que morreu como consequência de uma ferida num braço.

²⁵⁴ que *LI*: e

²⁵⁵ todo hum quaderno, como na *Crónica d'el-Rei dom Afonso o do Salado*; está hum Gonçalo Roiz Ribeiro e outro Foão que em Castela venceu os torneos na corte e matou o husão de Foão, que entre os castelhanos tinha o cume das armas. E isto com mais brosladuras que hum caparazão, ornando-o com taes palavras que por força o fazem ficar grande *Evo Sar*: todo o tempo

²⁵⁶ hum dest'outros *LI*: alguém dos outros

²⁵⁷ ser *LI*: serem

²⁵⁸ mais huns *LI*: huns mais

²⁵⁹ No hemos logrado identificar este personaje.

²⁶⁰ João Afonso que matou três mouros em campo, ou outro *LI*: om.

²⁶¹ Afonso *L2* *Evo Sar*: om.

²⁶² João Afonso Esteves participou como militar na batalha de 1383-1385.

²⁶³ João Pacheco (c.1474), nobre e militar espanhol, era filho de Alfonso Téllez de Girón e de Maria Pacheco. Homem de confiança do rei Enrique IV de Castela, foi nomeado primeiro marquês de Vilhena em 1445 após a batalha de Olmedo. Pacheco participou ao lado de Afonso V de Portugal na batalha de Touro.

²⁶⁴ Trata-se de Alfonso Carrillo y Acuña (1412-1482), arcebispo de Toledo e tio de João Pacheco. Foi defensor da causa de Juana la Beltraneja na guerra de sucessão castelhana.

²⁶⁵ o ler *LI*: dardes

²⁶⁶ pregais-lho *LI*: pregais-lhos

²⁶⁷ Casa nobiliária espanhola procedente da coroa de Castela. O seu fundador foi o português João Alonso Pimentel, que recebeu de mãos do rei Enrique III, em 1398, os senhorios de Benavente, Villalón e Mayorga.

²⁶⁸ marquizado de Vilhena *LI*: marquez *Sar*: marquizado de Vilhena

²⁶⁹ Título nobiliário espanhol que lhe foi dado a João Pacheco no 12 de novembro de 1445 pelo rei Juan II.

d'outro bastardo o²⁷¹ de Medina Sidónia,²⁷² que em honra precedem a²⁷³ muitas²⁷⁴ ou quasi todas;²⁷⁵ e em Itália o condado de Pero Navarro.²⁷⁶ Trazeis ao²⁷⁷ bailo António de Leiva,²⁷⁸ que de pobre escudeiro veo a tamanho nome e tão alta veneração. Não vos esquece o senhor Alarcão,²⁷⁹ que de soldado chegou a quinze contos de renda,²⁸⁰ e André Dória,²⁸¹ que também de pouco veo a muito, e achais que de Cosmo de Médices²⁸² se fizeram muitos príncipes em Itália, e que os mais dos Sumos Pontífices que depois governaram a igreja de Deus forão ou²⁸³ procederam deles,²⁸⁴ e que²⁸⁵ do mesmo tronco sahio Alexandro,²⁸⁶ primeiro duque de Florença, genro do emperador, e

²⁷⁰ O ducado de Albuquerque é um título nobiliário espanhol que o rei Enrique IV de Castela concedeu a seu valido dom Beltrán de la Cueva no 26 de setembro de 1464.

²⁷¹ o *LI*: om.

²⁷² Título nobiliário espanhol concedido pelo rei Juan II de Castela, no 17 de fevereiro de 1445, a Juan Alonso Pérez de Guzmán y Suárez de Figueroa, conde de Niebla. Não obstante, este mesmo título concedera-o Enrique II em 1380 a Enrique de Castela e Sousa, infante de Castela e filho natural do próprio rei e da cordovesa Juana de Sousa. Morreu sem descendência.

²⁷³ precedem a *L2*: procede *Evo Sar*: precede

²⁷⁴ muitas *LI*: muitos

²⁷⁵ todas *LI*: a todos

²⁷⁶ Pedro Navarro (h. 1460-1528) foi um nobre, marino, militar e engenheiro navarro que adquiriu grande fama nas campanhas do norte de África e de Itália. Devido às suas grandes qualidades militares na conquista de Nápoles (1503), o *Gran Capitán* fez-lhe conde de Olivetto no 1 de junho de 1505, sendo referendada esta eleição pelo próprio rei Fernando, o Católico. Em 1512, após a batalha de Râvena, Pedro Navarro foi ferido e feito prisioneiro pelo duque de Longueville. Apesar de sucessivos esforços, Fernando, o Católico, não logrou a liberação de seu militar mais valioso. Este fato fez com que Navarro aceitasse prestar os seus serviços ao rei Francisco I de França e renunciar ao seu condado. Em pouco tempo, o rei Católico concedeu este título, a 22 de dezembro de 1515, ao vice-rei de Nápoles, Ramón Folch de Cardona y Requeséns.

²⁷⁷ ao *LI*: a

²⁷⁸ António de Leiva (1480-1536) destacou-se como militar nas guerras italianas. Em torno do seu nascimento, existem duas versões: uma que o situa numa pequena e desconhecida aldeia de Navarra de família de alfaiates; e uma outra que o faz descendente de um capitão espanhol possuidor de um amplo morgadio.

²⁷⁹ Alarcão *L2*: Lação *LI*: Larcam

²⁸⁰ Pode ser que se refira a Lope de Alarcón, 5º senhor de Alarcón, a quem se lhe confia a custódia de Francisco I de França após ser apresado na batalha de Pavia.

²⁸¹ Andrea Dória (1466-1560) foi um militar genovês que deixou de prestar serviços a Francisco I e pôs-se sob o mando das tropas de Carlos V. O seu nascimento teve lugar em Oneglia, aldeia que abandona após ficar órfão aos 17 anos.

²⁸² Cosme de Médici (1389-1464) foi um político e banqueiro italiano que deu início a uma dinastia familiar que dirigiu o governo de Florença durante várias décadas. Da sua linhagem, saíram até três papas, Leão X, Clemente VII e Leão XI, e vários membros da família real de França e Inglaterra.

²⁸³ forão ou *LI*: om.

²⁸⁴ deles *LI*: delle

²⁸⁵ que *LI*: om.

²⁸⁶ Alexandre de Médici (1510-37), primeiro duque de Florença desde 1532, foi o último da sua família que governou em Florença. Uns creem que foi filho ilegítimo de Lorenzo II de Médici, entanto que outros dizem que, na realidade, foi filho ilegítimo de Júlio de Médici, mais tarde o papa Clemente VII.

que o Grão Mestre,²⁸⁷ que agora hé em França, e o Almirante²⁸⁸ daquele reino²⁸⁹ chegaram por suas obras²⁹⁰ a tamanhos estados, sendo á pouco tão pobres escudeiros. E²⁹¹ até o conde dom Nuno Álveres,²⁹² que deixou o estado de Bragança, quereis que tivesse hum²⁹³ quarto disso. E dais por prova disso a Capela dos Corvos,²⁹⁴ que está em Évora-Monte, feita por João Gonçalves Barbadão,²⁹⁵ seu avô, e que por esta razão há hí muitos que se desprezão de Pereiras.²⁹⁶ E²⁹⁷ então daqui provais que a mais da fidalguia procede de escudeiros e a menos, de reis, e não vos lembra que tem isto outros descontos, que vos eu não quero dar por não gastar mal o tempo. Sei-vos dizer que, se vos não tirarem o ler, que²⁹⁸ não averá quem vos sofra, e se pera regimento da República hé forçado que alguns escrevam, consinto que para tabaliães os dexem aprender.²⁹⁹

Escudeiro: Não hé muito que vos peze de nós lermos e³⁰⁰ escrevermos também, pois o vós fazeis tão mal que até não saber bem ler e³⁰¹ escrever is achar que hé

Uma vez que houve um intento de restabelecer a República em Florença, o emperador Carlos V apoiou a causa de Alexandre, chegando a casar sua filha natural, Margarita de Áustria, em 1533, com ele.

²⁸⁷ É muito possível que se refira a Anne de Montmorency (1493-1567), condestável de França desde 1538 a 1567 e *Grand Maître* de França de 1526 a 1558. Caso se refira a esta personagem, não perceberíamos esta alusão à sua pessoa, posto que Anne de Montmorency procedia de uma família poderosa e muito próxima da família real.

²⁸⁸ Parece referir-se a Claude d'Annebault (1495-1552), militar francês que foi nomeado Almirante da França de 1543-47 pelo rei Francisco I. Trata-se de um dos últimos favoritos do monarca gaulês. O seu pai era Jean VI d'Annebault, capitão das teias de caça. O outros Almirantes da França a quem poderia referir-se Francisco de Moraes são Philippe Chabot, duque de Montmorency, que o foi de 1525-43, ou Antoine de Noailles, que o foi de 1547-52. Não obstante, eliminámos a ambos devido a que procedem de uma antiga família do baixo Poitou e do condado de Noailles, respectivamente.

²⁸⁹ daquele reino *L1 L2: om.*

²⁹⁰ chegarão por suas obras *L1: por suas obras chegaram*

²⁹¹ E *L2 Evo Sar: om.*

²⁹² Nuno Álvares Pereira (1360-1431) foi condestável de Portugal e o grande vencedor na crise portuguesa de 1383-85, derrotando o exército castelhano na batalha de Aljubarrota. Considerado como um dos melhores generais de Portugal, nos últimos anos da sua vida decidiu abraçar a vida religiosa carmelita.

²⁹³ hum *L1: algum*

²⁹⁴ Corvos *L1: cornos*

²⁹⁵ Segundo Camilo Castelo Branco, como consequência desta velada crítica contra João Gonçalves Barbadão e, em definitivo, contra a casa de Braganza, Francisco de Moraes foi assassinado no Rossio de Évora. Temos de lembrar aqui que esta hipótese nunca foi apoiada com nenhuma documentação. João Gonçalves Barbadão foi pai de Iñez Pires.

²⁹⁶ Até o conde don Nuno Álveres, que deixou o estado de Bragança, quereis que tivesse hum quarto disso. E dais por prova disso a capela dos corvos, que está em Évora-monte, feita por João Gonçalves Barbadão, seu avô, e que por esta razão há hí muitos que se desprezão de Pereiras *Evo Sar: E não paraes aqui que até neste reino pondez tacha a algumas casas ilustres dele, e*

²⁹⁷ E *L2 Evo Sar: om.*

²⁹⁸ que *L1: om.*

²⁹⁹ Sei-vos dizer que, se vos não tirarem o ler, que não averá quem vos sofra, e se pera regimento da República hé forçado que alguns escrevão, consinto que para tabaliães os dexem aprender *Evo Sar: om.*

³⁰⁰ lermos e *L1 L2: om.*

fidalgua, e não aveis dó dela em a querer autorizar com aquilo, que em toda a pessoa hé³⁰² tacha. Mas quizera que a troco de quantos príncipes³⁰³ me nomeais, que se fizerão de escudeiros, que désseis³⁰⁴ hum par³⁰⁵ que se fisessem³⁰⁶ de fidalgos. E contudo, pois o que eu tinha para dizer, por mim o³⁰⁷ dissestes vós primeiro, não tenho que vos responda³⁰⁸ senão agradecer-vo-lo.

Fidalgo: Ora falemos em al. Tende ahí o³⁰⁹ ponto. Já sei que sois elegante; tendes boa eloquência, por isso mudemos a prática. Hé horas³¹⁰ de cavalgar. Tenho a mula à porta. Moço, toma esse rabo e perdoai-me, que vou diante. Que vos custou esse cavalo?

Escudeiro: Cincoenta crusados.

Fidalgo: Que certeza lançar-se bem, ^{298r} pôr-se³¹¹ sobre as pernas, parar à risca, fazer misuras e estar em ponto de saltar por amor de El-Rei de França como cachorro de cego!

Escudeiro: Ora, senhor, isto hé já sereno,³¹² vê[e]m-nos as damas. Passeai com outrém e perdoai-me esta discortezia, e em casa fazei-me³¹³ o que quizerdes.

Fim.

³⁰¹ ler e *L1 L2*: om.

³⁰² hé *L1*: se

³⁰³ príncipes *Evo Sar*: om.

³⁰⁴ désseis *L1*: deis

³⁰⁵ par *L1*: om.

³⁰⁶ fisessem *L1*: fizesse

³⁰⁷ por mim o *L1*: om.

³⁰⁸ responda *L1*: dizer

³⁰⁹ Tende ahí o *L1*: atee hy

³¹⁰ horas *L1 Evo Sar*: hora

³¹¹ pôr-se *L1*: por sy

³¹² sereno *L2 Evo Sar*: terreiro

³¹³ fazei-me *Sar*: fazei

Léxico

Aba: parte que pende de certos itens do vestuário.

Abroquelar (abroquelar, broquelar): fazer tomar a forma de um broquel ou adaptar algo para ser usado como broquel.

Acucular (Acogular, acugular, acucalar): encher completa ou demasiadamente; abarrotar; ocupar ou utilizar toda a capacidade de.

Adro: pátio externo descoberto e por vezes murado, localizado em frente ou em torno a uma igreja; átrio.

Alcorque (alquorque): espécie de sandália com sola de cortiça.

Alfanado: vestido, peinado; alheio, maluco.

Alqueire: antiga medida de capacidade usada sobretudo para cereais, mas de volume variável.

Anexim: sentença popular que expressa um conselho sábio; provérbio, máxima.

Arrobe: nome comum aos extratos de sumos não fermentados de frutas, obtidos pela evaporação dos sucos previamente clarificados; nome comum a certos xaropes medicinais, preparados à base de extratos vegetais.

Biocos (beocos): gesto exagerado, empregado para simular modéstia, virtude; gesto que se faz para assustar ou ameaçar fingidamente.

Borzegum: antigo calçado mouro que consistia numa espécie de meia grossa, provida de uma sola de couro fino ou pele curtida; calçado delicado, fino.

Capela: miudezas de armarinho, bugigangas e enfeites femininos.

Capelo: proteção para a cabeça; capacete; armadura para proteger a cabeça, maior que a capelina.

Chapim: calçado feminino de sola grossa, de madeira, cortiça, etc., usado para realçar a estatura das mulheres.

Crivo: utensílio com o fundo perfurado e que se usa para separar fragmentos, grãos, pedras preciosas e congêneres, de acordo com o volume e a espessura.

Desenviolar (desinviolar): purificar; benzer.

Encampar: restituir ou abandonar a outrém, por causa de lesão de interesses; aceitar como bom ou necessário; adotar.

Francelho: indivíduo com gosto exagerado pelas coisas francesas e/ou que abusa de galicismos na linguagem.

Gavião: ave falconiforme que, principalmente, se alimenta de presas vivas ou de animais mortos.

Lama: caráter daquilo que degrada, envergonha.

Lote: sorte, fado de cada pessoa; destino.

Malinas: tecido feito na cidade belga de Malinas.

Matula: mecha de candeeiro.

Marquesota (fazer a barba à): barbear ao itálico modo; segundo o estilo dos marquesones ou marquesotes; avilanoado.

Mocho: coruja que não possui penachos ou tufo de penas na cabeça.

Pando: que sofreu aumento de volume; inchado, inflado; que tem a forma esférica; bojudo.

Parafusar: esquadrinhar; refletir.

Pardal: ave passeriforme; pardejo.

Pelote: antiga espécie de casaco masculino sem mangas, usado por baixo do tabardo (casaco folgado, com grande capuz e mangas, que os homens usavam sobre uma espécie de colete ou pelote e as mulheres, sobre um corpete).

Piquice (pequice): ato ou dito de quem é peço, tolo; tolice; sandice; qualidade de teimoso.

Pombo: de cor branca.

Praguejar: amaldiçoar, vociferar; difamar; falar mal de alguém.

Provido: que tem o que é necessário em abundância; cheio, fornido, abastecido.

Raxa: pano grosso, de algodão.

Roçar: estar próximo de; beirar.

Roda: grupo de pessoas com interesses afins, com quem se mantêm relações; círculo de amizades; grupo de pessoas que vivem habitualmente em torno de alguém ou de algo.

Ruço: pardo claro, pardacento; que ou o que possui pelagem preta entremeada de branco e com crinas grisalhas.

Safar (çafar): gastar ou inutilizar pelo uso frequente; tirar, roubar.

Ter alçada: ter jurisdição; campo de atuação; atribuição, alcance.

Tosquiar (trosquiar): cortar muito curto; cortar rente lã, pelo ou cabelo.

Transcender (trancender): elevar-se sobre ou ir além dos limites de; situar-se para lá de.

Vau (vao): local raso de um rio, mar, lagoa, por onde se pode passar a pé ou a cavalo.

Xerife (xarife): título honorífico adotado por soberanos islâmicos descendentes de Maomé.

Obras citadas

1. Testemunhos do *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro no qual se mostra a sem-razão da altiveza daquele para com este*:

1.1. Manuscritos

Biblioteca Nacional de Lisboa: Coleção Pombalina, cód. 147, fls. 294-98.

Biblioteca Nacional de Lisboa: cód. 3563, fls. 47-52 (colectânea de Gil Nunes de Leão). Vila Viçosa, PDVV BDM II, LXII, fls. 4-13.

1.2. Impressos

“Diálogo primeiro.” Em *Diálogos de Francisco de Moraes*. Évora: Manuel Carvalho, 1624. fls. 1-16v (Exemplares: Lisboa. Nacional, Res. 354V (2) [<http://purl.pt/14873>]. Londres. British Library, 12331.a.21).

Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: António Gomes], 1786. 7-23.

1.3. Edições modernas

“Diálogo Primeiro.” Em *Obras de Francisco de Moraes*. Lisboa: Escritório da Bibliotheca Portugueza, Typographia d’Andrade e Companhia, 1852. III, 7-20.

“Diálogo Primeiro.” Em Geraldo de Ulhoa Cintra ed. *Crónica do Palmeirim de Inglaterra*. São Paulo: Editora Anchieta, Biblioteca de Clássicos para todos, 1946. 3, 367-78.

“Rivalidades de classes.” Em António Sérgio ed. *Prosa doutrinal de Autores Portugueses*. Lisboa: Portugália, 1967. 71-83.

“*Diálogo entre un Fidalgo e um Escudeiro*.” Em José Hermano Saraiva ed. *A vida ignorada de Camões (Apêndice)*. Lisboa: Publicações Europa-América, Abril, 1978. 365-71.

Vonk Matias, Elze Maria H. ed. “O *Diálogo primeiro* de Francisco de Moraes.” *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 4 (série, nº 3): 1979-80; (1981): 511-19.

2. Trabalhos específicos

2.1. Bibliografia Primária

Barreto, João Franco. *Bibliotheca Lusitana* [cópia do Ms. da Casa de Cadaval]. Lisboa: Biblioteca Nacional (B 1206-1211). 6 vols. Vol. 3, fl. 475r-76v.

Brito, João Soares de. *Theatrum Lusitaniae Litterarum, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*. Conimbricæ: Typis Academicis, anno Christiano 1655 [a restauratione Lusit., pág. 471, lit. F, nº 57].

2.2. Bibliografia Secundária

Almeida, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e. “Morais, Francisco de.” Em Vítor Aguiar e Silva coord. *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 2011. 607-13.

Alpalhão, Margarida Santos. “Em torno da censura da obra de Francisco de Moraes: a propósito do seu *Diálogo Primeiro*.” Em *Da Letra ao Imaginário. Em homenagem à Professora Irene Freire Nunes. Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: CEIL. No prelo.

Arouca, João Frederico de Gusmão C. *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII. Letras M-R*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. *Inventário dos Manuscriptos (Secção XIII). Collecção Pombalina*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1891.

Dialogyca BDDH. Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico. em linha: <http://www.ucm.es/info/dialogycabddh/>. Instituto António Houaiss. *Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa 2.0*. Editora Objetiva Ltda., 2007.

Inventário dos códices alcobacences. Tomo VI (Índices). Lisboa: Biblioteca Nacional, 1978.

Machado, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica, etc., Lisboa Occidental*. 4 vols. Coimbra: Atlântida Editora, 1965.

Nascimento, Maria Teresa. “Modelos clássicos no Diálogo Quinhentista Português.” Em *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada* (www.evora.net/abalca/comparada), 2004.

---. *O diálogo na literatura portuguesa. Renascimento e Manierismo*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra, Gráfica de Coimbra Lda., 2011.

Noronha, Henrique Henriques de. *Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da diocese de Funchal na ilha da Madeira*. Funchal: Centro de Estudos da História do Atlântico, 1996. [Cap. V. 55].

Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional. I Códices Portugueses. Biblioteca Nacional de Lisboa: Biblioteca Nacional, 1930.

Rego, António de Silva. “Carta de Francisco de Moraes.” Em *As gavetas da Torre do Tombo* [I (gavs. I-II)]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960. 744-47.

Silva, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 17 vols. [Continuado por Brito Aranha. Vol. 3 (1859): 14-17; Suplemento, vol. 9 (1870).]

- Tarouca, Carlos da Silva. *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca dos duques de Cadaval*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1950.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio. ed. *Palmerín de Inglaterra (Libro I)*, de Francisco de Moraes. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2006.
- . “Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro.” *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*. Universidad Complutense de Madrid, BDDH18, 2010^a. Em linha <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>.
- . “Diálogos de Francisco de Moraes.” *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*. Universidad Complutense de Madrid, BDDH36, 2010. Em linha <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>.
- . “Uma primeira aproximação do *corpus* dos Diálogos Portugueses dos séculos XVI-XVII.” *Criticón*. No prelo no 2012.